

Nino: Um bandoleiro da fronteira sul

Leonardo Augusto Mezzavila

Graduando do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da FAPERGS

Humberto José da Rocha

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
humberto.rocha@uffs.edu.br

Resumo

Como resultados de um projeto de pesquisa (UFFS-FAPERGS), propõe-se uma narrativa histórica a partir de um personagem da história policial do sul do Brasil, Alcides de Oliveira (1941-1961), vulgo “Nino”. Este indivíduo, acusado de crimes hediondos que vão desde estupro até parricídio, aterrorizou por aproximadamente 5 anos (1955-1961) as populações que habitavam a região do Alto Uruguai do RS, do oeste de SC e do sudoeste do PR. Tendo uma carreira repleta de extorsões e latrocínios, o “Bandoleiro Nino” demonstrava muita habilidade em agir e reagir em confrontos violentos e evadir-se de autoridades policiais. Assim, “Nino” tornou-se uma figura lendária na região, com a fama de ser um bandido sem escrúpulos, sem moral, capaz de todo tipo de artimanha e que, inclusive, suas crueldades desafiavam a “providência divina”. Para além do folclore e das lendas, o objetivo é discutir o caso sob a perspectiva do banditismo social de maneira a compreender, além da história deste bandido, uma estrutura social sobre a violência no sul do Brasil neste período.

Abstract

As a result of a research project (UFFS-FAPERGS), a historical narrative is proposed based on a character from the police history of southern Brazil, Alcides de Oliveira (1941-1961), aka “Nino”. This individual, with accusations ranging from rape to parricide, terrorized for approximately 5 years (1955-1961) the populations that inhabited the Alto Uruguai region of RS, west of SC and southwest of PR. Having a career full of extortion and robbery, the “Bandolier Nino” showed great skill in acting and reacting in violent confrontations and evading police authorities. Thus, “Nino” became a legendary figure in the region, with the reputation of being an unscrupulous bandit, without morals, capable of all kinds of trickery and that even his cruelties defied “divine providence”. In addition to folklore and legends, the aim is to discuss the case from the perspective of social banditry in order to understand, in addition to the history of this bandit, a social structure on violence in southern Brazil during this period.

Introdução/Justificativa

Nos estudos sobre banditismo social, em específico na Fronteira Sul do Brasil, algumas características são apontadas como parte da genealogia de um banditismo próprio dessa região. Para Humberto da Rocha (2020), a região apresenta um histórico de uma cultura violenta, intrínseca ao modo de vida e de produção econômica, numa região inóspita e fronteira. Assim, um sistema de violência centrado em valores de coragem pessoal sobressaiu-se como padrão de comportamento (FRANCO, 1997, p. 51 *apud* ROCHA, 2020, p. 6). Contudo, uma caracterização geral não é capaz de compreender um objeto estudado na perspectiva do banditismo social.

Segundo Lucien Febvre, por essa categoria se tratar de uma “história social”, é preciso compreender que o objeto desse campo de estudo demanda ser entendido a partir da sociedade em que ele viveu, com as características que possuía, de maneira que o objeto de estudo é um “modus vivendi”.

Assim, ressalta-se que, nesse tipo de estudo, valoriza-se que a narrativa seja completada pela chamada “história estrutural” de Fernand Braudel. Como reflete Burke¹, e como demanda um história social para Febvre, numa narrativa social é preciso pensar e integrar os elementos da “história estrutural”, que Burke atribui a Braudel.

Jean-Claude Shimitt (1992), compreende os bandidos de uma sociedade como figuras marginais, mas que ao serem estudadas revelariam aspectos da parte central da sociedade e de sua estrutura de poder. Segundo esse autor, o historiador dos marginais estaria em um incessante movimento da margem para o centro e do centro à margem, pois aqueles que nesta vivem também possuem alguma “função social” em seu contexto, ou então, representam algum aspecto da dinâmica da sociedade.

Por isso, uma das abordagens possíveis do banditismo social, é o banditismo como forma de adaptação em cenários de transformação social (SINGELMANN, 1975 APUD ROCHA, 2020, p. 3). Nessa abordagem, entende-se que essa prática é “fundamentada em uma consciência da penúria e da exploração, mas sem que isso signifique, necessariamente, uma consciência de classe que identifique todos os pobres em uma luta contra os exploradores” (ROCHA, 2020, p. 13). Esse tipo

1 BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: A escrita da história: Novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. P.328-348

de consciência, se coletivizado, pode dar origem de um movimento social por reivindicação de terras ou, se individualizado e manifestado em um único bandido social, pode evidenciar transformações estruturais da sociedade na qual ele está inserido.

Nesse sentido, a violência compreendida como uma estrutura social, ou seja, parte da “história estrutural”, é um elemento central nesse estudo. Em tese, as informações/episódios descobertos na pesquisa interagiriam numa via de mão dupla com as características da “história estrutural”, no caso, da violência na fronteira sul, de modo que a estrutura social agregaria (não deixaria fragmentados) os elementos que impulsionaram a violência na vida do objeto estudado nessa pesquisa, Alcides de Oliveira (vulgo *Nino*), e os elementos, por serem peculiares e em seu caso acontecerem em um recorte temporal pouco comum (ROCHA, 2020, p. 14), construiriam novas, ou somariam-se as já estabelecidas, características/peculiaridades desse campo de estudo e desse tema estudado.

Objetivo

Este trabalho objetiva construir uma breve narrativa histórica sobre a vida de Nino e seu “modus vivendi” a partir da pesquisa feita no projeto de extensão e assim, de maneira geral, trazer um novo personagem para a história da fronteira sul.

Metodologia

Para a realização desse artigo foi utilizado os materiais pesquisados e desenvolvidos no período de um projeto de pesquisa (UFFS-FAPERGS). Esses materiais foram obtidos em pesquisas nos acervos de arquivos históricos da região e através uma série de entrevistas orais. Estas, com a finalidade de preencher eventuais lacunas na narrativa.

Com a análise desse material foi possível realizar uma comparação de dados e a estipulação de uma narrativa histórica sobre o sujeito “Nino”.

Além disso, foi realizada a pesquisa bibliográfica, para descobrir possíveis trabalhos sobre o objeto de pesquisa, sobre a violência na fronteira sul, e sobre as categorias banditismo social, história dos marginais e sobre o paradigma indiciário (GINZBURG, 1990), usado para a

investigação das fontes.

Resultados

Vida Progressa

As fontes divergem quanto ao local de nascimento de Alcides. Segundo documentos da polícia, ele teria nascido no sudoeste do Paraná, na cidade de Clevelândia em 10 de junho de 1941, cidade fronteira com Santa Catarina². Entretanto, fontes divergentes apontam que ele teria sido um catarinense da região centro oeste, natural de Faxinal dos Guedes, cerca de doze quilômetros de Xanxerê³. Além disso, uma boa quantidade de relatos aponta que ele teria vivido grande parte de sua infância nas cercanias de Getúlio Vargas-RS.

A família de Alcides era composta pelo pai Manuel⁴ e a mãe Paulina de Oliveira, conhecidos por trabalharem como empregados de proprietários rurais na região de Getúlio Vargas. As fontes convergem para o dado de que Paulina teve três filhos com Manuel: João (1938-), Alcides (1941-1961) e Antônio. Esse último, de data de nascimento desconhecida, seria o mais novo⁵.

A dúvida em relação aos irmãos de Alcides, é decorrente de fontes divergentes que apontam a existência de Osório, Luís⁶ e de uma irmã de nome desconhecido⁷.

Por fim, sabe-se que Alcides era vulgarmente conhecido por “*Nino*”, apelido que provavelmente herdou de um meio familiar onde a língua e cultura de imigrantes italianos era bastante presente⁸.

Diante de uma sistematização das entrevistas orais, compreende-se mais provável que,

2 Processo-crime n. 1/61, Getúlio Vargas - RS, 1ª Escrivania do Cível e Crime, 1961. Arquivo do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (ATJ-RS)

3 PERUZZO, Arlete, et al. 81 páginas. 2014

4 Processo-crime n. 1/61, Getúlio Vargas - RS, 1ª Escrivania do Cível e Crime, 1961. Arquivo do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (ATJ-RS). Para Peruzzo et al. (2014) o pai de Alcides poderia ser Hermelino, e para Pokoieski (2021) na região de Erebangó-RS, ele era apelidado de “Castelhano”.

5 VIDAL, Inês. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 14 de abr. de 2021, Getúlio Vargas-RS;

6 PERUZZO, Arlete. et al, 2014, p.10;

7 SANTOS, Laidés Teresinha dos. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 14 de abr. de 2021, Erechim-RS;

8 Para aprofundar em colonização na região do Alto Uruguai, acessar: GRITTI, Isabel Rosa. As Companhias Colonizadoras e a Intrusão de Terras no Norte do Rio Grande do Sul: o caso da Fazenda Quatro Irmãos 1948-1950. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. Anais... Natal: ANPUH, 2013. p. 1-14;

depois do nascimento de Alcides em Santa Catarina ou no Paraná, Manuel, Paulina e filhos tenham migrado para a região do Alto Uruguai Gaúcho, se estabelecendo de maneira temporária em diferentes cercanias de Getúlio Vargas.

Esses trânsitos seriam explicados por possibilidades de trabalho temporário para diferentes proprietários de terras. Assim, a família de Alcides de Oliveira teria migrado para diferentes cidades da região do Alto Uruguai gaúcho, em função de trabalhar como empregados de propriedades rurais. Diante disso, em um balanço das fontes, encontra-se que a família transitou por Campinas do Sul (Linha Vertente Baccin ou Linha Guarani)⁹, Centenário (no Quilômetro 13)¹⁰, Getúlio Vargas, (Linha Ribeiro e/ou Linha 5) e Erebangó (Comunidade de Ventara Alta)¹¹.

Em Campinas do Sul, teriam permanecido em torno de 5 anos. Depois, com aproximadamente 12 anos Alcides teria cuidado de crianças menores enquanto os pais trabalhavam de empregados em Centenário - RS. Então, Paulina passou a trabalhar como empregada doméstica em Getúlio Vargas e teria alugado uma casa na chamada Linha Ribeiro, onde seguiu residido por longa data com seu filho mais novo, Antônio. Nesse mesmo período, em Erebangó, Manuel e Alcides (com aproximadamente 14 anos), trabalharam como agregados por cerca de um ano para um mesmo dono de terras na comunidade de Ventarra Alta, de maneira que residiam em uma casa cedida pelo patrão. Eles seguiram dessa maneira, até que certo dia, Manuel fez uma grande quantidade de cestos para carregar mudança, e partiu com Alcides para Santa Catarina, deixando uma série de dívidas em Erebangó¹².

Nesse ano, Manuel e Alcides residiram numa casa cedida pelo patrão, e eventualmente faziam viagens para Getúlio Vargas para visitarem Paulina.

Segundo Peruzzo et al, Alcides em específico, teria desenvolvido trabalhos como empregado em serrarias, olarias ou mesmo em outras fazendas com a criação de gado bovino; “trabalhava como peão em casas de famílias”¹³. Essa possível ocupação, parece ligar-se bastante com as proeminentes habilidades de montaria e pistolagem que Alcides apresentou em seu período de crimes.

Além disso, sobre habilidades de *Nino*, aos 19 anos foi identificado como analfabeto por

9 PERUZZO, Arlete. et al, 2014, p.10;

10 (Sentido Getúlio Vargas-Centenário). BRESSIANI, Antônio. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 27 de maio de 2021, Getúlio Vargas-RS;

11 POKOIESKI, Eduardo. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 6 de junho de 2021, Via WhatsApp.

12 POKOIESKI, Eduardo. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 6 de junho de 2021, Via WhatsApp.

13 PERUZZO, Arlete. et al, 2014, p.10;

policiais, ficando isso registrado em processo crime¹⁴, assim, estipula-se que ele não tenha frequentado escola nem tenha tido muito acesso à alguma educação em letras na sua juventude.

Essas características, de educação e habilidades, vêm somar-se com outras características culturais. Assim, como relatado por Juarez Predebom, numa certa região de Campinas do Sul, na chamada Linha Carapá, dentre outros lugares, aconteciam muitos bailes típicos de interior, e sabe-se que Alcides transitava por essa região¹⁵. Logo, é possível que tenha frequentado tais festejos, inclusive, parecendo ser esse o contexto de uma das fotos encontradas com Alcides vivo. O que essa foto parece capturar, é um momento em um desses bailes onde Alcides, trajado tipicamente usando bombacha, bota, chapéu e revólver, posa ao lado de uma moça que aparenta estar vestida com roupas de baile. Nesse sentido, encontrou-se que Alcides teve uma namorada em sua vida. Segundo entrevista com Arnaldo Bianki, ela morava na zona rural do município de Getúlio Vargas, na chamada Linha Cinco; estrada velha para Erebango, e segundo sua avaliação essa mulher da foto é a namorada que Alcides teve de Linha Cinco¹⁶.

14 Processo-crime n. 1/61, Getúlio Vargas - RS, 1ª Escrivania do Cível e Crime, 1961. Arquivo do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (ATJ-RS)

15 PREDEBOM, Juarez. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 17 de set. de 2020, Getúlio Vargas-RS;

16 BIANKI, Arnaldo. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 30 de set. de 2020, Getúlio Vargas-RS;



Figura 1

Fonte: A Voz da Serra. Ano: XXXII, n. 202 p. 1. Erechim, 3 de out. 1961.

Assim, de modo geral, e diante dessas características, compreende-se que na vida pregressa de Alcides, ele viveu em contato com o cotidiano dos trabalhos rurais que seus pais se ocupavam, morando em diferentes lugares e interagindo com seus irmãos e filhos de vizinhos durante a década de 1940 e princípios da década de 1950¹⁷. Nesse meio, teria absorvido elementos da cultura italiana e da religiosidade de seus pais, embora, esses elementos pareçam não ter sido muito significativos para Alcides.

¹⁷ ZAVIRUCA, Ilda. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 11 de dez. de 2020, via WhatsApp;

Mais tarde em sua vida, e não tendo instrução escolar, desenvolveu trabalhos como “peão”, aprimorou-se em montar cavalos, a manusear revólveres e demonstra ter adquirido gosto pelos hábitos culturais característicos gaúchos. Nessa fase de sua vida, compreende-se que transitou pela região do Alto Uruguai, mais especificamente pela região da margem leste do rio Passo Fundo¹⁸, e que participava de bailes tradicionais do interior. Assim, teve um relacionamento amoroso com uma getuliense, mas também manteve certo contato com sua mãe, depois que ela retorna a morar na Linha Ribeiro. Quanto a seus irmãos, João e Antônio, muito pouco se sabe sobre como se relacionavam com Alcides, dando margem para especulações.

Enfim, quanto ao pai da família, não há relatos que sugiram que ele tivesse qualquer relação muito positiva com Alcides, mas sim que ele costumava aplicar castigos físicos no filho por ele supostamente praticar pequenos furtos e ser cruel com outras crianças, quando menino¹⁹. Segundo a própria mãe de Alcides, em entrevista ao jornal *A Voz da Serra* (Erechim), “ (meu) filho sempre fora bonzinho quando pequeno, mas depois começou a praticar alguns crimes...”²⁰

Segundo entrevistado, Alcides não era o único que recebia castigos físicos. Há um relato de que Manuel, por repetidas vezes agrediu Paulina com prancha de facão em momento em que está estava grávida.

Segundo entrevistados, supostamente esse comportamento violento de Manuel teria levado Alcides, com em torno de 16 a 18 anos, em alguma ocasião obscura, a matar seu próprio pai²¹. Assim, encerra-se a vida pregressa e adentra-se na vida criminosa de Alcides.

Relação de crimes

A presumida vida de empregado, “peão” de fazendas, em fins de 1959 a meados de 1960, acende para uma condição de bandido. Com aproximadamente 18 anos, Alcides é identificado como um infame elemento em Getúlio Vargas. Estipula-se que nesse período, ele tenha se envolvido em brigas e confrontos, inclusive com policiais, que frequentemente poderiam resultar em ameaças ou

18 BACCIN, Aquilino. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 14 de abr. de 2021, Getúlio Vargas-RS;

19 PERUZZO, Arlete. et al, 2014, p.10;

20 Trágico fim de um bandoleiro. *A Voz da Serra*. Erechim 18 de nov. de 1961 1.a. pág. 5

21 Encontrasse isso em entrevista com Paulo Kogo IN: PERUZZO et al (2014) e nas entrevistas com Ilda Zaviruca e Antônio Bressiani.

o próprio uso de violência. Em entrevista ao jornal *A Voz da Serra* (Erechim), Nelson Borgman, na época delegado de polícia de Getúlio Vargas, conta que Alcides possuía “diversas entradas na polícia com lesões corporais e resistência a mão armada”²².

O primeiro caso documentado de violência praticada por Alcides, remonta a 18 de julho de 1960, quando este, em uma estrada rural em Getúlio Vargas, entra em confronto com um civil, ambos dirigiram provocações um ao outro e Nino alveja o civil com um disparo na perna esquerda. Posteriormente, as forças policiais foram acionadas por um acompanhante da vítima, mas Nino consegue evadir-se da perseguição embrenhando-se nas matas da região²³.

Desse episódio em diante, Nino teria cometido outros delitos na região do Alto Uruguai (Sarandi, Palmeira, Passo Fundo, Quatro Irmãos, Erechim) e no oeste de Santa Catarina (Marcelino Ramos e Maravilha) até ser capturado pela polícia no mês de novembro de 1960 e preso na “Cadeia Civil de Xapecó”. Alcides permaneceu preso até 19 de maio de 1961, quando evadiu-se repetidamente.²⁴

Após sua fuga, apenas volta-se a encontrar pistas sobre ele no mês de setembro de 1961, quando os jornais divulgam o latrocínio do motorista de aluguel José Manuel Duarte. Nino teria contratado o serviço de José Manuel para fazer uma viagem de Francisco Beltrão-PR para Getúlio Vargas-RS no dia 25 de setembro. Entretanto, em um trecho entre Erechim e Getúlio Vargas, *Nino* dá cabo a vida do motorista e tenta furtar o veículo. Ele falha na tentativa, mas o crime faz os delegados regionais redobram a atenção para a possibilidade de *Nino* estar transitando pelo Alto Uruguai.

Por conseguinte, estipula-se que Alcides toma rumo para a casa de sua mãe, ou algum outro apoiador.

O autor (Blok, 1972) afirma que não há como compreender o banditismo sem analisar uma ampla rede de grupos e classes, pois bandidos precisavam contar com diferentes tipos de proteção, que variavam desde ajudas de parentes e camponeses até proteção de políticos e autoridades. (p. 19 Notas de Aula sobre Banditismo Social)

22 Crime de morte em Getúlio Vargas. *A Voz da Serra*. Erechim 3 de set de 1961. 1.a. pág. 1

23 Processo-crime n. 1/61, Getúlio Vargas - RS, 1a Escrivania do Cível e Crime, 1961. Arquivo do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (ATJ-RS). ZAVIRUCA, Ilda. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila em 11 de dez. de 2020, via WhatsApp;

24 Processo-crime n. 1/61, Getúlio Vargas - RS, 1a Escrivania do Cível e Crime, 1961. Arquivo do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (ATJ-RS).

Estes apoiadores, seriam pessoas como sua mãe Paulina, que forneciam alguma ajuda para Alcides dando comida, algum dinheiro ou poso, de boa vontade ou não. Segundo entrevista, Alcides agia do seguinte modo: ele apresentava-se como um pedinte (possivelmente/eventualmente usando disfarces), em casas de agricultores na zona rural e pedia por viveres, um pedaço de pão; um salame, se podia jantar com a família..., e depois de receber o que pediu, ele anunciava aos que o ajudaram: “Eu sou o Nino” ou “Vocês estão ajudando o Nino”. Segundo entrevistados, Alcides conhecia toda a região da margem leste do Rio Passo Fundo, tendo assim, grande terreno para se refugiar, praticar furtos e atuar como pedinte.

Também se entende que, como já mencionado, Alcides conseguia apoio na casa de sua mãe, Paulina. As fontes sugerem que Paulina era avessa ao comportamento criminoso de seu filho, mas que era impotente para tomar alguma medida. Como relatado, ela era ameaçada de morte pelo próprio filho, caso ela negasse abrigo ou o denunciasse para a polícia. Além dela, é possível supor que a namorada de Alcides, em Linha Cinco, também possa ter fornecido refúgio para ele, dentre outras pessoas que poderiam ter algum tipo de relação próxima com o mesmo.

Entretanto, em paralelo com a busca de apoio e refúgio no Alto Uruguai, após o homicídio do dia 26, os delegados de polícia dos municípios dessa mesma região começam a se mobilizar para a busca e apreensão de Nino. Além de que os noticiários da época começaram a divulgar os então conhecidos crimes e paradeiros do bandoleiro.

Assim, em 3 de outubro, uma semana após o assassinato do taxista, o jornal A Voz da Serra publica sua primeira matéria sobre Alcides, com participação do Delegado de Polícia de Getúlio Vargas, Nelson Borgman. Em 10 de outubro, a Polícia de Campinas do Sul percorre, em um automóvel alugado, em torno de 120 km, “a fim de atender serviços no interior do Município e localizar elementos procurados pela Justiça de Erechim e Getúlio Vargas, o criminoso Alcides de Oliveira autor do crime de morte praticado em Getúlio Vargas”.

Além disso, por entrevistas, é estipulado que emissoras de rádio, em seus noticiários, divulgavam o paradeiro do Nino, quando ele era sabido. Os nomes, ou apelidos dessas rádios são, segundo entrevistas: Rádio Vera Cruz, ou Santa Cruz, e Rádio Cachaça.

Enfim, dessa maneira, refugiando-se de casa em casa, pedindo mantimentos com ou sem disfarces, e furtando o que conseguia, na região do Alto Uruguai, compreende-se que Alcides tenha transcorrido os 19 dias que separam o assassinato de José Manuel Duarte com o homicídio seguinte

que esse bandido iria cometer.

Segundo jornal A Voz da Serra, após o homicídio do dia 26 de setembro:

(...) o bandoleiro, apossou-se de uma arma e de um cavalo de um agricultor, continuando a praticar seus crimes: Passou a assaltar todos aqueles a quem encontrava na estrada, tendo atirado contra um caminhão e um automóvel, sem contudo atingir seus ocupantes.

Poucos dias depois “Nino” assassinava com 12 tiros, usando duas armas, o operário João Maria dos Santos, que exercia suas atividades na Cervejaria Serra-Malte, em Getúlio Vargas, tendo deixado na orfandade dois filhos menores e sua esposa. (Trágico fim de um bandoleiro. A Voz da Serra. Erechim 18 de nov de 1961 1.a. pág. 5)

Em entrevista realizada, a filha mais velha de João dos Santos, Laides Terezinha dos Santos, conta sobre o episódio. Segundo ela, na noite de 14 de outubro, em Linha Ribeiro (Getúlio Vargas), no fim avenida Severiano de Almeida, seu pai, então operário da cervejaria Serra Malte, dirigia-se para a casa de um parente com o objetivo de buscar um remédio para sua irmã mais nova, de nove meses, que estava doente. Para ir até a casa de seu parente, João precisava atravessar um banhadal e uma cerca de arame farpado, sendo em torno das 23 horas da noite e o local estando bastante escuro. Assim, nesse contexto, acontece um encontro violento entre João dos Santos e *Nino*.

Segundo Laides, foi dito na época que Nino queria, matar Darci Zaviruca, e confundiu João com Darci. Entretanto, também é sabido que João, naquele momento, tinha consigo todo o pagamento que recebera do último mês de seu trabalho na cervejaria. Se isso era de conhecimento de *Nino*, é provável que tenha sido para roubar o esse valor que ele entrou em confronto com João. Também é possível que nenhuma das motivações anteriores sejam verdadeiras, e apenas o contexto propício para um assalto e modo de vida de Alcides tenham sido suficientes para o ocorrido.

Assim, mas independente de qual fosse a motivação do assaltante, relata-se que nesse encontro, Alcides põe em prática uma tentativa de assalto, e João, de posse de uma pequena faca, busca realizar uma tentativa de defender-se .

Como resultado desse confronto, sabe-se que Alcides é atingido por uma facada na perna e João é atingido por 12 ou 15 tiros de revólver; Alcides, com as duas mãos, teria descarregado simultaneamente toda a munição de seus dois revólveres na vítima. Segundo Laides, as roupas de João foram rasgadas nas calças e no casaco, o que sugere que também pode ter acontecido uma certa luta entre os dois. Com a vítima baleada, Nino teria saqueado o corpo de João, levando-lhe o

dinheiro do pagamento. Por conseguinte, entende-se que do local do conflito, Alcides rumou para a casa de sua mãe para tentar tratar seu ferimento na perna, e que nesse momento teria ameaçado sua mãe de morte caso ela contasse para alguém que havia sido ele quem matara “o filho do velho surdo”, no caso João dos Santos. Após ter feito algum tratamento de sua ferida, supõe-se que Alcides logo teria rumado para longe de Getúlio Vargas. Na madrugada do dia 15 de outubro, João dos Santos é levado ao hospital de Getúlio Vargas, mas dado a gravidade dos ferimentos, ele vem a falecer.

Três dias após esse latrocínio, é registrada em Campinas do Sul uma ocorrência de furto. Arcides Pedote, comunica que, na madrugada do dia 18, um burro foi furtado de seu potreiro, juntamente com um pelego e um freio que estavam no porão de sua casa, na comunidade de Bela Esperança. Esses bens, foram logo encontrados pela manhã do dia 18, junto a certa ponte do Rio Passo Fundo.

Essa ocorrência não tem indicações de que tenha sido Nino o praticante do furto. Contudo, é sabido, por meio de entrevista com Juarez Predebom, que nessa região do furto, Campinas do Sul, Quatro Irmãos... relativamente distantes de Getúlio Vargas, e ainda de certa forma remotas, podiam servir como rota de fuga ou como esconderijo para Nino. Além disso, Aquilino Baccin (2021), aponta que nessa região, Alcides possuía considerável quantidade de apoiadores, e que evitava cometer crimes ali. Segundo entrevista com Plínio Adler, conta de um episódio em que Alcides teve a oportunidade de realizar algum mal a uma mulher desmaiada e ao contrário do que se esperava ele não realizou mal algum, apenas abandonou a mulher no local onde ela desmaiou em sua presença (isso teria sido na região de Ipiranga do Sul).

Em 22 de outubro, um novo serviço de automóvel é registrado na delegacia de Campinas do Sul. Novamente, em torno de 120 km são percorridos nas buscas por Alcides de Oliveira.

Três dias depois, em 25 de outubro, uma delegacia de polícia é montada com escolta. O delegado Nelson Borgamann (Getúlio Vargas) e o delegado Silvio Coelho (Campinas do Sul) percorrem em torno de 60 km, “a fim de localizar e prender o foragido e criminoso – Alcides Oliveira Vulgo -Nino-”

Treze dias depois, em 8 de novembro, o jornal O Nacional (Passo Fundo), divulga que um telegrama do delegado de Getúlio Vargas fora recebido na delegacia de Passo Fundo, comunicando, para que esta ficasse alerta quanto a presença de Alcides:

Tivemos oportunidade de inserir, não faz muitos dias, um telegrama do delegado de polícia de Getúlio Vargas á Delegacia de Passo Fundo, comunicando que estivesse alerta quanto á presença do criminoso Alcides Oliveira de 19 anos de idade, autor de 12 mortes, e que devia encontrar-se ferido numa perna.

Felizmente, o criminoso não se dirigiu para os lados de Passo Fundo, preferindo estar no vizinho município de Getúlio Vargas depois de haver cometido série de crimes na zona de Xanxerê, Santa Catarina.

O assassino, que vem sendo acochado pela polícia, está disposto a tudo. Segundo notícias chegadas ontem, veio a cometer mais um crime de morte, o 13º tendo o delegado daquele município feito nova comunicação ao delegado regional, João Carlos Bonorino, que está tomando as devidas providências para a prisão do terrível criminoso. (O assassino de 19 anos, Alcides Oliveira, praticou outro crime de morte. O Nacional. 8 nov.1961. Passo Fundo.)

Assim, compreende-se que Nino teria cometido o terceiro homicídio dentro de 60 dias no seu último período de ações no Alto Uruguai, como apontaria mais tarde um trecho do A Voz da Serra .

Logo, no dia seguinte, 9 de novembro, o mesmo jornal divulga que o delegado regional João Carlos Bonorino deslocou-se para Santa Catarina “na caça ao arqui-criminoso Alcides Oliveira, que já causou, em poucos meses, 13 mortes.” . Bonorino foi acompanhado pelo delegado Aparício dos Reis e outros dois senhores, Sebastião Vidal e Ulisses Camargo

Em 13 de novembro é assinado um processo crime que elenca fatos delituosos e decreta prisão preventiva de Alcides. Dentre os delitos, está o assassinato do motorista José Manoel Duarte.

Percebe-se, com base nessas fontes, que ao longo do mês de outubro, diversos agentes policiaes estiveram mobilizados numa tentativa de localização e apreensão de Nino, sendo que o delegado Nelson Borgmann, de Getúlio Vargas, aparenta ser quem está à frente das buscas.

Assim como outros acontecimentos da vida de Alcides, sobre o episódio de sua captura e morte, existem em diferentes versões.

De início, e de modo geral, após o latrocínio do dia 14-15 de outubro, Alcides transitou pelas zonas rurais dos municípios do Alto Uruguai, provavelmente por Erebangó, Quatro Irmãos, Campinas do Sul, Jacutinga, Cruzaltense e Getúlio Vargas. Segundo o que apontam entrevistas, o ferimento da fachada que Nino levou de João dos Santos não foi tratado com o devido cuidado e acabou deteriorando bastante seu estado de saúde. Especula-se, que seu modo de vida, associado ao descuido com o ferimento tenham proporcionado que ele contraísse uma infecção e, em

decorrência desses fatores, tenha perdido considerável peso corporal.

Supostamente com esse estado físico, desenvolveu-se o evento de sua captura, no dia 15 de novembro de 1961. Compreende-se, com amparo nas fontes, que aproximadamente pelas 6 ou 7 horas da manhã, Ferdinando Sander, residente de Barão Hirish (Quatro Irmãos - RS) é abordado por um 3º Sargento da Força Pública de Santa Catarina. Esse sargento, pediu emprestado um cavalo para Ferdinando para que seguisse sua busca pelo infame Bandoleiro Nino. Como descrito em jornal:

Segundo declarações prestadas à reportagem pelo delegado de Polícia de Getúlio Vargas, ontem, pela manhã, aproximadamente às 6 horas da manhã, um colono do interior do município de Campinas recebeu a visita em sua casa, de um jovem, trajando uma túnica de campanha e um quépi da polícia catarinense. Pediu-lhe emprestado um cavalo, dizendo que estava em perseguição, para efetuar sua captura, do bandoleiro “Nino”, procurado pela polícia de Getúlio Vargas.

Sem nada desconfiar, o colono que ignorava que tinha à sua frente o próprio bandido, não teve dúvidas de emprestar-lhe o cavalo. De posse do cavalo o desconhecido ganhou a estrada. (Diário de notícias - Porto Alegre - 17 de nov de 1961 - pág 5)

Mais tarde naquele dia, Ferdinando Sander foi a delegacia de polícia de Campinas do Sul e registrou ocorrência (de número 57) sobre o furto de seu cavalo.

Segundo as fontes, momentos depois de conseguir o cavalo, Nino dirigiu-se para Campinas do Sul. Ao passar pela cidade, foi avistado por Arão Kives e seus amigos, que mateavam cedo da manhã em frente a uma casa de Arão. Este e seus amigos, segundo entrevista de Jaime Kives, filho de Arão, reconheceram o cavalo de Ferdinando (Arão e Ferdinando possuíam terras na mesma comunidade em Barão Hirsh) e foram ao encontro do delegado de Campinas do Sul, o sr. Sílvio Coelho.

Depois de passar pela cidade, Nino seguiu para a zona rural e praticou novamente outro furto. Segundo ocorrência policial:

Compareceu nesta D. Polícia o cidadão Nestor Giacomeli, residente nesta cidade, o qual comunicou pelo dia de hoje pela 10 horas e 30 minutos foi vítima da extorsão de um revólver de marca H.B. calibre 38 niquelado, com longo de no1414, cabo de Baquilite, quando o mesmo encontrava-se no corte de trigo junto a Capela São Carlos, por indivíduo que trajava um fardamento e com divisas de 3º Sargento da Força Pública e que dizia andar atrás de um Bandoleiro e que necessitava da referida arma para prende-lo. Mais tarde é que ficou sabendo de que

se tratava que o fardado era Alcides de Oliveira, vulgo Nino, no ato da extorsão estavam presentes seus dois cunhados (?) e (J?) Copini que estavam lhe ajudando no corte do trigo. (PERUZZO *et al*, 2014.)

Ao encontrarem Silvio Coelho, Arão e seus amigos, traçaram um plano para capturar o criminoso. Eles sabiam para que direção Nino seguia, e que haviam apenas duas estradas que ele podia ter tomado. Assim, montam duas diligências, ou “canoas policias”, em que cada uma delas seguiria por um dos dois caminhos que Nino teria tomado. Silvio e outros policiais teriam seguido com um veículo jeep alugado, enquanto Arão teria seguido com outros policia e com um jeep de sua propriedade. A operação era composta por: Arão, Silvio, 5 praças e 3 amigos de Arão.

Assim, teriam seguido nas canoas pelas estradas, e nas então proximidades das terras de Euclídes Fracarro, na comunidade de Três Cerros, a canoa de Arão alcança Nino.

(...) após uma perseguição ao Bandoleiro Alcides de Oliveira vulgo “Nino”, quando acusado, notando a presença da polícia que vinha num Jeep, saltou do cavalo que montava atirando na escolta tendo inclusive danificado o veículo que transportava a polícia. Foi diversas vezes pelo encarregado da diligencia lhe dado voz de prisão pedindo que o réu se entregasse o que foi feito em voz alta e como êle não obedeceu, e antes continuasse resistindo, fazendo uso de duas armas de fogo, revólveres, estabeleceu-se cerrado tiroteio resultando ser o réu morto em conflito por projétil de fogo, deixando de ser efetuada a prisão ordenada. (Ocorrência 59. Captura do Bandoleiro Alcides de Oliveira. 15 nov. 1961. IN: PERUZZO *et al*, 2014.)

Dessa maneira, depois de abatido, por volta das 11:30, o corpo de Alcides foi levado e exposto na praça de Campinas do Sul.

Após a exposição do corpo, o mesmo foi levado para o hospital da cidade, onde foi banhado e limpo. No mesmo dia, o delegado de Getúlio Vargas foi avisado por terceiros que viram o ocorrido, assim, ele dirige-se ao município. Mais tarde, Paulina foi levada para Campinas para reconhecer o filho.

No dia seguinte (16) foi feita uma necropsia do corpo em Getúlio Vargas, e depois foi velado no presido da mesma cidade, sendo sepultado as 10 horas da manhã seguinte, no cemitério municipal.

Pelas fontes, sabe-se que, dias antes, João Oliveira, irmão mais velho de Nino, havia sido preso em Erechim por roubo, e então foi levado para Getúlio Vargas para presenciar o velório do irmão. Também por indicação das fontes, compreende-se que Antônio, irmão mais novo de Alcides,

também esteve no velório do irmão, quando Paulina foi entrevistada por repórter do A Voz da Serra.

Modus Vivendi

De maneira breve, entende-se que o *modus vivendi* de *Nino*, enquanto bandido, organiza-se na prática extorsões e disfarces e mantém-se no apoio de sua mãe e conhecidos pelo interior que lhe desse abrigo e recursos. Além disso, devido aos disfarces e habilidades de dissimulação, *Nino* também conseguia apoio de desconhecidos, mantendo-se assim nessa função de bandido.

Referências

CRIME de morte em Getúlio Vargas. **A Voz da Serra**. 1.a. pág. 1. Erechim 3 de set de 1961.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRITTI, Isabel Rosa. As Companhias Colonizadoras e a Intrusão de Terras no Norte do Rio Grande do Sul: o caso da Fazenda Quatro Irmãos 1948-1950. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013. p. 1-14.

PERUZZO, Arlete, *et all.* 81 páginas. 2014.

ROCHA, Humberto José da. Peculiaridades sobre o banditismo social no sul do Brasil entre os séculos XIX e XX. **XV Encontro Estadual de História ANPUH-RS: História e Resistências**. Passo Fundo/RS. JUL. 2020. Disponível em: < <https://www.eeh2020.anpuhrs.org.br/anais/trabalhos/trabalhosaprovados#H>>. Acesso em: 29 de ago.2021.

SHIMITT, Jean Claude. “A História dos marginais” In: LE GOFF, Jacques (org) **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TRÁGICO fim de um bandoleiro. **A Voz da Serra**. 1.a. pág. 5. Erechim, 18 de nov. de 1961.

ZAVIRUCA, Ilda. Entrevista concedida a Leonardo Augusto Mezzavila. 11 de dez. 2020.